

007 a serviço secreto da guerra fria

Por Henrique Santini*

Desde o primeiro momento em que a frase mais célebre da história do cinema foi proferida, os principais elementos da série que se tornaria um dos símbolos de nosso século ali estavam presentes. Sean Connery, vestindo um elegante smoking, com o cigarro pendendo para fora do lábio, franze o sobrolho e dispara, fulminando o coração da primeira de muitas *Bond Girls*, em 35 anos de sucesso incontestável: Bond. James Bond. O ano era 1962, e o filme, *Dr.No*.

Falando sobre o cinema que está sendo realizado neste final de século, pode parecer completamente fora de moda, algo um tanto "Kitsch", trazer como referência uma aventura de três décadas atrás. Porém, se Cidadão Kane até hoje é referencial básico em termos de narrativa e enquadramento para qualquer cineasta, podemos, sem grande esforço criativo, situar *Dr.No* na raiz de uma hipotética "árvore genealógica" dos filmes de ação atuais. É necessário, no entanto, contextualizarmos esta obra historicamente.

Oficialmente, a Guerra Fria chega ao fim em outubro de 62. Pouco antes, a Crise dos Mísseis de Cuba havia colocado em alerta o planeta inteiro, diante de um iminente conflito nuclear. Não por acaso, a primeira aventura do agente secreto 007 acontece em uma paradisíaca ilha do Caribe, onde um vilão Chinês (país comunista até hoje), aliado a uma organização mundial de terrorismo, a SPECTRE, tem planos de promover uma guerra com os mísseis que desviara do Cabo Canaveral, principal plataforma de lançamento americana, na época.

A história contada em *Dr.No*, no Brasil "007 Contra o Satânico Dr.No", é extremamente simples, para não dizer maniqueísta. Apresenta-se o herói numa seqüência inicial, que seria uma das marcas

registradas dos filmes seguintes. A seguir, cria-se o conflito, que será então resolvido aos poucos, em várias locações do mundo. No final, Bond é capturado, vem a conhecer o seu par romântico e, finalmente, soluciona o problema, levando seu inimigo a uma morte terrível. Todos os filmes de 007 seguem uma linha bastante similar, e que vem funcionando, com alguns acidentes de percurso, desde 62.

Apesar de tratar de um tema delicado para a época, e de não se preocupar muito em mascarar as origens e intenções dos inimigos, *Dr.No* transfere de Cuba para a Jamaica o centro da trama. Terence Young, um diretor que ficou famoso por participar desta e de mais duas aventuras de Bond (*From Russia With Love* e *Thunderball*), transformou o livro de Ian Fleming em uma aventura exuberante, quase um marco para sua época. James Bond foi o primeiro super-herói do pós-guerra, numa época em que o mundo começava a perder a ingenuidade a respeito destes, inspirando Spielberg e James Cameron, por exemplo, na criação de seus próprios ícones. Se hoje temos um cinema de ação calcado em personagens carismáticos em situações inverossímeis, escapando sempre ilesos de todos os perigos, muito disso se deve ao formato instaurado por James Bond, e tão copiado nas décadas seguintes.

O vilão Dr.No, interpretado por Joseph Wiseman, possui uma base secreta de onde pratica terrorismo contra as potências vizinhas. Sua fachada é uma área de conservação ambiental, onde uma terrível maldição aguardaria os desavisados que, porventura, a invadissem. Ela apareceria sob a forma de um dragão mecânico, que assustaria os incrédulos nativos latinos, mas não o civilizado e desenvolvido europeu. Vencendo o desafio inicial e um punhado de capangas, James Bond chega até

o covil do cientista louco (disposto a dominar o planeta), quando se evidenciam as idéias que cada um está presente para defender na tela. De um lado, o servo dedicado à Rainha, que não crê em fantasmas e não recua diante do perigo. Ele tem uma missão a cumprir e um sistema econômico a legitimar. De outro lado, o terrorista oriental, associado a outros de nomes difíceis de serem pronunciados, disposto a infiltrar-se nos sistemas adversários e promover a desordem global. Individualizando o inimigo, não se corre o risco de uma crítica geral.

Por trás de *No* está a SPECTRE (Special Executive for Counter Intelligence, Terrorism, Revenge and Extortion), organização secreta liderada por Ernest Blofeld, o principal vilão que ameaçaria o mundo livre, chegando a assassinar a esposa de 007 em um dos filmes seguintes. A SPECTRE não pertence a nenhum Governo em especial, mas teria ligações com o departamento russo Smiert Spionem (morte aos espões), que realmente existiu, e que foi retratado em *From Russia With Love*. A Guerra Fria, então, deixava de apavorar no noticiário diário, para pertencer ao mundo dos contos de fadas. É mais ou menos o que temos hoje em filmes como *True Lies*, de James Cameron, com vilões árabes de intenções maquiavélicas, mas totalmente incompetentes para consumarem suas ameaças.

Talvez a cena mais marcante de *Dr. No* seja a que Honey Rider (Ursula Andress, em sua estréia no cinema) sai do mar vestindo um diminuto biquíni, e é logo interceptada pelo herói. As *Bond Girls* começariam, a partir daí, a participar do imaginário coletivo dos espectadores. Sua função é, sempre, meramente estética; suavizam um pouco o mundo soturno da espionagem internacional, e reforçam as características do homem perfeito com quem contracenam. No livro *Casino Royale*, Ian Fleming sintetiza em uma fala a idéia que seu personagem tem a respeito do sexo oposto: "As mulheres são para a gente se divertir. No trabalho, elas atrapalham e complicam as coisas com sexo, sentimentos feridos e toda a bagagem emocional que trazem consigo. A gente tem que tomar cuidado com elas, tem que tomar conta delas". Está bas-

tante claro que não há, no mundo de James Bond, lugar para a igualdade entre os sexos.

E os americanos? Seriam eles os criadores do agente capaz de tudo? Não, eles cumprem papel secundário em todas as histórias de 007, chegando a quase servir de piada. Sua neurose com sabotagens espaciais é parodiada em *Dr.No*, já que o vilão se diverte desviando mísseis do Cabo Canaveral. A CIA, agência máxima da segurança ianque, aparece na figura de Felix Leiter, amigo de Bond, mas jamais tão competente quanto ele. Bond é inglês, pertencente a uma estirpe mais nobre, último cavaleiro de um império já decadente, mas ainda superior aos seus parentes americanos. Que não cansaram de parodiá-lo, como no recente *Spy Hard* (Duro de Espiar), com o caricato Leslie Nielsen.

Sean Connery encarna o agente de tal forma, que até hoje o ator é o referencial quando falamos de 007. Outros quatro o substituíram na série, cada qual com um estilo peculiar, e nem sempre tendo resultados satisfatórios, mas é realmente Connery o intérprete que mais chegou perto do herói idealizado por Ian Fleming. Formal, sério, mas com uma pitada de ironia, seu Bond executa a missão sem pestanejar, eliminando quem se colocar em seu caminho, mas tendo ainda tempo para ocupar com vodka-martinis e, porque não, com Honey.

Os tempos mudariam após esse filme. A Guerra Fria seria cada vez mais sepultada, com a aproximação entre EUA e União Soviética, acabando finalmente com o colapso desta. Bond teria de mudar, adaptar-se aos novos tempos. Depois de algumas tentativas equivocadas, parece ter reencontrado seu filão, aderindo à onda de filmes de ação estilo "montanha-russa" em que vários clímax se sucedem sem que os espectador tenha tempo para pensar no que ocorre. Temos fartos e numerosos exemplos, como *Speed* (Velocidade Máxima), *Die Hard* (Duro de Matar) e *Mission Impossible* (Missão Impossível). São todos filmes de fórmula, com suas cenas cronometradas e seqüenciadas de modo a trabalhar os hormônios do espectador. Sua importância para a sétima arte, claro, é bastante discutível.

Bond, hoje, é interpretado por Pierce Brosnan, ator irlandês que parece ter encontrado a simpatia das platéias. Em seu último filme, *Tomorrow Never Dies* (007-O Amanhã Nunca Morre), o personagem combate um magnata das comunicações que pretende, adivinhem, dominar o mundo. As perseguições são as mesmas, as lutas continuam iguais. O ritmo, com certeza, é muito mais acelerado que em 62. Mas ele ainda é James Bond. Para os fãs, ou simplesmente para quem ain-

da gosta de um bom filme despretenso, *Dr.No* é um interessante aperitivo da série que, se não se furtou de um posicionamento diante da situação histórica em que se inseriu, pelo menos não aderiu a enfadonhos discursos ideológicos. O cinema de entretenimento agradece, Mr. Bond.

* Aluno da
FAMECOS - PUCRS

